

M^a Luisa Harto Trujillo
Joaquín Villalba Álvarez
(eds.)

EXEMPLA FIDEM FACIUNT



EDICIONES CLÁSICAS
MADRID

Primera edición 2013

Ediciones Clásicas S.A. garantiza un riguroso proceso de selección y evaluación de los trabajos que publica

Quede constancia de nuestro agradecimiento al Ministerio de Ciencia e Innovación por el apoyo económico al Proyecto de Investigación "El *exemplum* en la retórica clásica, Plutarco y Valerio Máximo: su proyección en la historiografía cristiana y la historiografía hispanolusa en lengua latina de los siglos XV y XVI" (FFI 2208-00939). Este trabajo se enmarca dentro del Grupo de Investigación "Las artes de la palabra de la Antigüedad al Renacimiento" (HUM 002) financiado por fondos FEDER a través del IV Plan Regional de I+D+I del Gobierno de Extremadura.

GOBIERNO DE EXTREMADURA



Unión Europea

Fondo Europeo
de Desarrollo Regional
"Una manera de hacer Europa"

© María Luisa Harto Trujillo,
Joaquín Villalba Álvarez (eds.) y los autores
© Alfonso Martínez Díez, *Editor & Publisher*
© Ediciones Clásicas, S.A.
c/ San Máximo 31, 4º 8
Edificio 2000
28041 Madrid
Tlfs: 91-5003174 / 5003270
Fax: 91-5003185.
E-mail: ediclas@arrakis.es
www.edicionesclasicas.com

I.S.B.N. 84-7882-757-9
Depósito Legal: M-17116-2013
Impreso por MALPE

ÍNDICE

I) INTRODUCCIÓN	9
1. <i>INTRODUCCIÓN: ANTECEDENTES Y OBJETIVOS</i>	11
M ^a LUISA HARTO, J. VILLALBA	
2. <i>DEFINICIÓN Y FUNCIÓN DE EXEMPLVM. RELACIÓN CON OTROS</i>	23
<i>TÉRMINOS AFINES</i>	
SANTIAGO LÓPEZ MOREDA	
2.1. El <i>exemplum</i> en las retóricas	24
2.1.1. Aristóteles	24
2.1.2. La retórica latina	25
2.1.3. Gramáticos y rétores	30
2.1.4. La Edad Media	33
2.1.5. El Renacimiento	36
2.1.6. Los modernos	38
II) EL <i>EXEMPLVM</i> EN LA ANTIGÜEDAD Y EN LA EDAD MEDIA	45
3. <i>EL EJEMPLO EN SÓFOCLES</i>	47
M. CARMEN ENCINAS REGUERO	
4. <i>EXEMPLA Y DEUDA LITERARIA: LOS SUPPLICIOS INFERNALES EN LOS DESCENSVS</i> <i>AD INFEROS DE LA LITERATURA GRECOLATINA</i>	63
RAMIRO GONZÁLEZ DELGADO	
4.1. Introducción	63
4.2. Los condenados en <i>Odisea</i> y <i>Eneida</i>	64
4.3. Los condenados en el mito de Orfeo y Eurídice	67
4.4. Conclusiones	73
5. <i>A LEITURA EXEMPLAR DE HOMERO NO MODELO EDUCATIVO DE PLUTARCO</i>	75
ANA PAULA PINTO	
5.1. Homero, um exemplo na literatura grega	75
5.2. Plutarco	77
5.3. As citações de Homero em Plutarco	79
5.3.1. O <i>De liberis educandis</i>	79
5.3.2. <i>De audiendis poetis</i>	81
5.3.3. O <i>De audiendo</i>	93
5.4. Conclusões	93

6. TUCÍDIDES Y EL EJEMPLO HISTÓRICO	95	10.1. Los ejemplos, como juego escolar poético	152
JUAN CARLOS IGLESIAS-ZOIDO	95	10.2. Los ejemplos, como marco poético	160
6.1. Introducción	95	10.3. Los ejemplos, como alarde culto	168
6.2. La Arqueología de Tucídides	96		
6.3. El pasado en los discursos	100	III) EL EXEMPLVM EN EL RENACIMIENTO	171
6.4. Conclusiones	105	11. EL EXEMPLVM EN LA ENSEÑANZA DEL LATÍN: FRAY MARTÍN DE LA CUEVA ...	173
7. LOS MOTIVOS DEL ESTANDARTE Y DEL GENERAL-SOLDADO EN LAS		MANUEL MAÑAS NÚÑEZ	
COLECCIONES DE EXEMPLA Y SU POSIBLE INFLUENCIA EN APIANO	107	11.1. Introducción	173
DAVID CARMONA CENTENO	107	11.2. Tratadistas antiguos	174
7.1. Introducción	107	11.3. Gramáticos renacentistas	178
7.1.1. Objetivos	107	11.4. Fray Martín de la Cueva	179
7.1.2. La escena del estandarte en las historias de Roma	107	12. EL EXEMPLVM EN LA RHETORICA CHRISTIANA DEL FRANCISCANO DIEGO	
7.2. La escena del estandarte junto a la figura del general-soldado		VALADÉS: ENTRE EL EJEMPLO HISTÓRICO Y EL HOMILÉTICO	189
en las colecciones de <i>exempla</i>	108	CÉSAR CHAPARRO GÓMEZ	
7.2.1. Los <i>Hechos y Dichos Memorables</i> de Valerio Máximo	108	12.1. Introducción	189
7.2.2. Los <i>Strategémata</i> de Frontino	111	12.2. El <i>exemplum</i> en los autores medievales: entre la retórica y la predicación	190
7.2.3. Los <i>Strategémata</i> de Polieno	114	12.3. El <i>exemplum</i> en la obra de Diego Valadés	195
7.3. La fusión de la escena del estandarte y de la figura del general-soldado		13. OS EXEMPLA GRECO-LATINOS NAS “COPLAS DEL MENOSPRECIO E CONTEMPTO	
por parte de Apiano de Alejandría	115	DE LAS COSAS FERROSAS DEL MUNDO” DO CONDESTÁVEL D. PEDRO DE	
7.3.1. La <i>virtus</i> de los generales romanos como ejemplo en la obra		PORTUGAL, “REY INTRUSO” DE CATALUÑA	203
de Apiano	115	MARÍA JOSÉ FERREIRA LOPES	
7.3.2. El general y el estandarte	116	13.1. Um prólogo-dedicatória revelador	206
7.3.3. El general y el escudo	116	13.2. Uma estrutura bem arquitetada e eivada de marcas da retórica clássica .	208
7.3.4. La originalidad de Apiano	117	13.3. A evocação/invocação do passado	211
7.4. Conclusiones	119	13.4. O enquadramento do mundo greco-latino com o judaico-cristão	212
8. MUJERES EJEMPLARES EN VALERIO MÁXIMO	121	13.5. As fontes preferidas: a dicotomía “ <i>poetae/historiographos</i> ”	214
M ^a LUISA HARTO TRUJILLO	121	13.6. As Espanhas do passado clásico e do presente e o bilingüismo	216
8.1. Mujeres consagradas a la divinidad	121	13.7. As personagens favoritas: a “materia troiana”, Alexandre e as mulheres ..	217
8.2. Mujeres en la vida familiar	122	13.8. As personagens detestadas: Júlio César e D. Álvaro de Luna	219
8.2.1. Hijas y hermanas	122	13.9. Conclusão	219
8.2.2. Esposas	124	14. FUNÇÃO FORMATIVA DA LITERATURA E RETÓRICA DOS EXEMPLA NA POESÍA DE	
8.2.3. Madres	127	O LIMA [1596] DO QUINHENTISTA DIOGO BERNARDES	221
8.3. Mujeres en la sociedad	129	JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS	
8.4. Vicios y defectos de las mujeres	132	14.1. Os <i>exempla</i> na tradição poético-retórica	221
8.5. Conclusiones	134	14.2. Poética Bernardiana dos <i>exempla</i> mitológicos	226
9. DEL ENÉMIGO EL EJEMPLO: EXEMPLA PÚNICOS Y ETRUSCOS EN AMIANO		14.3. Retórica da persuasão: <i>exempla</i> e reflexões edificantes	237
MARCELINO	137	15. UN “EXEMPLVM AD REM VXORIAM PVLCHRE AGENDAM”. MARITVS DI LEON	
ÁLVARO SÁNCHEZ-OSTIZ	137	BATTISTA ALBERTI	241
10. LOS EXEMPLA COMO LVDI POETICI EN LA POESÍA LATINA MEDIEVAL	147	ROBERTO CARDINI	
EUSTAQUIO SÁNCHEZ SALOR	147		

15.1. Apéndice: <i>Maritus</i>	257
16. <i>EL EXEMPLVM EN LOS PROEMIOS HISTORIOGRÁFICOS RENACENTISTAS</i>	263
JOAQUÍN VILLALBA ÁLVAREZ	
16.1. La historia como <i>opus oratorium maxime</i>	263
16.2. El <i>exemplum</i> en la historia	265
16.3. Los proemios panegíricos en la historiografía hispana	269
16.3.1. El tópicó de la dedicatoria	269
16.3.2. El tópicó de la falsa modestia	279
16.4. Conclusión	281
17. <i>LA FUNZIONE DEGLI EXEMPLA NELLA TEORÍA STORIOGRAFICA UMANISTICA. DA COLUCCIO SALUTATI A LORENZO VALLA</i>	283
MARIANGELA REGOLIOSI	
18. <i>ANDRÉ DE RESENDE E O DE ANTIQVITATIBVS LVSITANIAE: O LUGAR DOS EXEMPLA NA CONSTRUÇÃO RETÓRICA DO DISCURSO</i>	293
ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO	
BIBLIOGRAFÍA GENERAL	313
AUTORES DEL VOLUMEN	329
ÍNDICE ONOMÁSTICO	331

Capítulo 18

ANDRÉ DE RESENDE E O *DE ANTIQVITATIBVS LVSITANIAE*: O LUGAR DOS *EXEMPLA* NA CONSTRUÇÃO RETÓRICA DO DISCURSO

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO¹
Universidade Católica Portuguesa – Braga

Num contexto em que muito se fala da importância de um governo central económico da União Europeia, e de um possível passo para o federalismo, pareceu-me de singular importância uma reflexão sobre a forma como paulatinamente as letras contribuíram para a criação da consciência nacional de um povo, de uma nação, de Portugal. Importa alicerçar uma comunidade europeia fundada nas raízes culturais comuns a todos os povos deste vetusto continente, mas sem nunca se transigir na afirmação da individualidade de cada país, que não deve ser um obstáculo, mas um desafio ao aprofundamento contínuo daquilo que nos une. Só assim será possível preservar um dos valores fundamentais que nos singulariza no mundo: a *dignitas hominis*.

A realização universal da *humanitas* em cada homem concreto implica uma memória, que nos transmite a identidade. E esta está alicerçada no torrão natal em que nascemos e na Família, que não escolhemos. Por isso, a nacionalidade é um direito universal; por isso, é natural que os homens sintam necessidade de mostrar o seu amor à Pátria que os acolheu.

E foi assim que, no contexto deste projecto de investigação, que me acolheu enquanto membro investigador – agradeço o afável convite que em tempos me dirigiu a senhora professora María Luisa Harto Trujillo – surgiu a oportunidade

¹ Esta colaboração é resultado da nossa participação no Projecto FFI2008-00939, financiado pela Dirección General de Investigación del Ministerio de Educación y Ciencia, de Espanha, assim intitulado: «El *exemplum* en la retórica clásica, Plutarco y Valerio Máximo: su proyección en la historiografía Cristiana y la historiografía hispanolusa en lengua latina de los siglos XV y XVI». Este trabalho foi desenvolvido, ainda, no âmbito do Projecto Estratégico - *Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH/FFB/UCP)** - 2011-2012*, com a referência *PEst-OE/FIL/UI0683/2011.

de visitar uma das obras mais emblemáticas da vasta produção bibliográfica do humanista português André de Resende, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, «a grande obra do humanista eborense, e que será como que a consagração, mesmo que concebida para dez livros de que Resende só pôde redigir quatro, de toda a súmula que constitui uma espécie de manual de Lusitanidade, em que se inserem noções de etimologia, história mitológica e religião, hagiologia, epigrafia, geografia ou até mesmo ictiologia desde que ao serviço de uma especificidade que se pretende profundamente nacional», como judiciosamente observa Rosado Fernandes.²

Depois de situar geograficamente a Lusitânia e de ter falado dos povos que outrora a habitaram antes da enxurrada dos Godos (*ante Gothorum inluvionem*), André de Resende vai revelar que espécie de gente foi esta (*ut qualisnam fuerit ea gens*). Com recurso ao testemunho dos escritores antigos (*antiqui scriptores*), sublinha a valentia e a coragem que alimentaram os Lusitanos na sua longa luta contra o domínio dos Romanos, citando a lição de Estrabão: Τοῦ δὲ Τάγου τὰ πρὸς ἄρκτον ἢ Λυσιτανία ἐστὶ μέγιστον τῶν Ἰβηρικῶν ἐθνῶν καὶ πλείστοις χρόνοις ὑπὸ Ῥωμαίων πολεμηθέν, isto é, “Entretanto, o que (vai) do Tejo para o norte é a Lusitânia, a maior das nações ibéricas, e a guerreada pelos Romanos durante mais tempo”.³

Neste contexto é nomeado o *exemplum* dos habitantes da cidade de Cingínia – André de Resende cita erroneamente Cinânia –, que há muito resistia ao assédio militar do general romano Décimo Bruto, que lhes havia de propor o pagamento de um resgate em troca da sua liberdade. Tal facto feriu o orgulho desta gente que, ressentida, o demonstrou através de uma resposta firme e muito dura (*constans ac grauissimum*), também prova da sua coragem (*fortitudinem*):

Melius – inquit – sine dubio homines nostri sanguinis haec dixissent, quam audissent. Vrsit tamen ueritas scriptorem ita concludere. Sed illos quidem natura in huius grauitatis uestigia deduxit.

“Melhor teria sido sem dúvida – diz Valério – que homens do nosso sangue tivessem dito isto do que ouvido”. Foi a verdade, contudo, que obrigou este escritor a assim concluir, mas aos Cinanienses foi a sua própria índole que os levou na peugada desta grandeza.⁴

O humanista eborense, como ele próprio diz, cita Valério Máximo, *Factorum et Dictorum memorabilium libri IX* (“Acções e Ditos Memoráveis”), a partir do livro sexto,⁵ no capítulo intitulado *De grauitate dictis aut factis ab externis* (“Da autoridade nas palavras e nos actos dos estrangeiros”). Aqui se narra que quase toda a Lusitânia tinha sucumbido aos pés do inimigo Romano, excepto a valorosa cidade de Cingínia:

² FERNANDES (2006: 307-308).

³ STR. 3.3.3; tradução de CARDOSO (1994: 65).

⁴ FERNANDES e PINHO (2009: 132).

⁵ VAL. MAX. 6.4. extr. 1-2.

Cuius mentio mihi subicit quod aduersus D. Brutum in Hispania grauitate dictum est referre: nam cum ei se tota paene Lusitania dedisset ac sola gentis eius urbs Cinginnia pertinaciter arma retineret, temptata redemptione propemodum uno ore legatis Bruti respondit ferrum sibi a maioribus, quo urbem tuerentur, non aurum, quo libertatem ab imperatore auaro emerent, relictum. Melius sine dubio istud nostri sanguinis homines dixissent quam audissent. Sed illos quidem natura in haec grauitatis uestigia deduxit.

La mención anterior me trae a la mente la enérgica respuesta que, según se dice, recibió Décimo Bruto en Hispania. Pues, cuando se le había entregado ya casi toda Lusitania y tan sólo la ciudad de Cinginia resistía tenaz en la lucha, los mensajeros de Bruto habían intentado comprar la libertad de los ciudadanos. Pero ellos, todos a una, les contestaron: «La única herencia que nos han dejado nuestros antepasados son armas con las que defender la ciudad, no oro con que comprar nuestra libertad a un general ambicioso». Sin duda hubiera sido mejor que estas palabras las hubiesen pronunciado nuestros compatriotas en vez de haber tenido que escucharlas. Fue su carácter lo que llevó a los lusitanos a seguir las huellas de la firmeza.⁶

Nesta passagem do Livro I, intitulada ‘Qual a índole do povo Lusitano’ (*Qualis gens Lusitani*), André de Resende cita, logo de seguida, outro episódio registado por Valério Máximo que reforça, uma vez mais, a imagem de um povo lusitano corajoso:

Nec ad fortitudinem non pertinet, quod idem Valerius titulo *De uafre dictis aut factis* commemorate: «Non potuisse Sertorium Lusitanos oratione flectere, ne cum uniuersa Romanorum acie uellent conflagere, donec uellendis equorum duorum caudis notissimum illud exemplum oculis mirantium obiecit». Vocet Valerius suo libito gentem barbaram, asperam, regi difficilem; his opprobriis parum disciplinae militaris peritos Lusitanos arguerit; imbelles, aut ignauos animos iis minime fuisse eadem illa narratione palam praedicat.

Não deixa de se relacionar com a coragem o que o mesmo Valério, com o título *Do que foi dito e feito com esperteza*, conta: «Não conseguindo Sertório pela palavra convencer os Lusitanos a desistir de combater contra todo o exército romano, apresentou aos olhos do que o observavam aquele conhecidíssimo exemplo dos dois cavalos cujas caudas deviam ser arrancadas». Que lhes chame Valério à sua vontade povo bárbaro, feroz, difícil de ser dirigido. Com estas injúrias pouco terá descreditado os Lusitanos, conhecedores da disciplina militar, pois por aquela mesma narração mostra que não houve entre eles espíritos cobardes ou medíocres.⁷

O episódio do Livro VII de Valério Máximo⁸ relata a dificuldade que o grande chefe lusitano, Sertório, sentiu para persuadir o seu indomável povo acerca das vantagens da sua táctica de guerra. Bem se pode dizer que ‘uma imagem vale por mil palavras’:

Sertorius uero corporis robore atque animi consilio parem naturae indulgentiam expertus, proscriptione Sullana dux Lusitanorum fieri coactus, cum eos oratione

⁶ Tradução de LÓPEZ, HARTO y VILLALBA (2003: I.431).

⁷ FERNANDES e PINHO (2009: 132-133).

⁸ VAL. MAX. 7.3.6.

flectere non posset ne cum Romanis uniuersa acie conflagrare uellent, uafro consilio ad suam sententiam perduxit: duos enim in conspectu eorum constituit equos, ualidissimum alterum, alterum infirmisimum, ac deinde ualidi caudam ab inbecillo sene paulatim carpi, infirmi a iuene eximiarum uirium uniuersam conuelli iussit. obtemperatum imperio est. sed dum adolescentis dextera inrito se labore fatigat, senio confecta manus ministerium exsecuta est. tunc barbarae contioni quorsum ea res tenderet cognoscere cupienti subicit equi caudae consimilem esse nostrum exercitum, cuius partes aliquis adgrediens opprimere possit, uniuersum conatus prosternere celerius tradiderit uictoriam quam occupauerit. ita gens barbara, aspera et regi difficilis, in exitium suum ruens, quam utilitatem auribus respuerat, oculis peruidit.

Sertorio, al que la bondad de la naturaleza había dotado por igual de fuerza física y de cordura, obligado por culpa de las proscipciones de Sila a convertirse en jefe de los lusitanos, al no poder convencerlos con palabras de que desistieran de enfrentarse a los romanos en una batalla campal, los volvió de su misma opinión por medio de una aguda artimaña: colocó a la vista de ellos dos caballos, uno muy impetuoso, el otro sumamente débil. A continuación ordenó a un endeble anciano que arrancara poco a poco la cola del caballo robusto, y a un joven de extraordinaria fuerza que de un solo golpe arrancara la cola del débil. Ambos obedecieron sus órdenes. Sin embargo, mientras los brazos del joven quedaban exhaustos ante aquel esfuerzo inútil, la frágil mano del viejo cumplió su cometido. Entonces Sertorio, ante aquella asamblea de bárbaros que ansiaba saber a qué venía aquella demostración, explicó que el ejército romano era similar a la cola de un caballo, cuyas partes cualquiera puede vencerlas si las acomete por separado; sin embargo, quien intente derrotarlo en su totalidad, antes tendría que ceder la victoria que poderla obtener.

Assí fue como aquellos bárbaros, desabridos y difíciles de gobernar, que estaban a punto de precipitarse a su perdición, pudieron comprobar con sus propios ojos los beneficios que sus oídos no habían querido escuchar.⁹

Como atentamente já observou Rosado Fernandes,¹⁰ o humanista eborense não citou este último parágrafo, que atentava contra a boa índole do povo Lusitano, embora não deixasse de censurar esta opinião, mitigando a sua importância.

Logo de seguida, o amor à pátria de André de Resende arrasta-o para uma crítica acerba ao tom propagandístico dos historiadores romanos: *Fere enim eleuant et attenuant barbarorum, sicuti aiunt, res gestas, suas augent etiam immodice uitio fortasse priorum*, isto é, «Com efeito, quase sempre, diminuem e minimizam os feitos guerreiros dos ‘bárbaros’, como lhes chamam. E aos seus próprios feitos, aumentam-nos ainda imoderadamente, talvez por terem tomado esse mau hábito dos escritores mais antigos».¹¹

Por isso, no exemplo que dá de um combate travado pelo propretor Públio Cornélio Cipião, contra os Lusitanos, e depois de citar as próprias palavras de Tito Lívio,¹² faz este comentário elucidativo:

⁹ Tradução de HARTO, LÓPEZ y VILLALBA (2003: II.28-29).

¹⁰ FERNANDES e PINHO (2009: 412).

¹¹ FERNANDES e PINHO (2009: 134-135).

¹² LIV. 35.1.4 sqq.

Cui enim, Liui, dissertissime suspectum non sit, in proelio continuentium horarum quinque incerto euentu, in quo primo turbatos fuisse ais Romanos, deinde paulisper aequatam pugnam, propraetoremque in eo discrimine ludos uouisse Ioui, quod sane solent ii qui de uictoria plane desperant; duodecim Lusitanorum cecidisse millia, captos quingentos quadraginta, omnes ferme equites; de Romano uero exercitu tantum amissos tres et septuaginta?

Quem não achará abertamente suspeito, ó Tito Lívio, que, num combate de cinco horas e de resultado duvidoso, em que, segundo tu dizes, os primeiros desorientados foram os Romanos, passado algum tempo as forças se equilibrassem; que o propretor, no momento crítico, promettesse jogos em honra de Júpiter, o que sem dúvida costumavam fazer os que desesperavam completamente da vitória; que morressem doze mil Lusitanos e fossem aprisionados quinhentos e quarenta, quase todos cavaleiros, enquanto do exército romano apenas se perdessem setenta e três homens?...¹³

A coragem e valentia deste indomável povo ‘bárbaro’ não-de ficar ainda mais em destaque quando Resende chama em sua defesa o episódio de uma vitória dos Romanos alcançada graças à perfídia do pretor Sêrvio Galba, impulsionado pelo desejo de vingança. Depois de invocar o testemunho de Paulo Orósio, passa, logo de seguida, ao registo de Valério Máximo:

Sed circumpositis militibus, inermis atque incautos per scelus maximum omnes profligauit. «Quae res – inquit Orosius – postea uniuersae Hispaniae propter Romanorum perfidiam causa maximi tumulus fuit».

«Trium Lusitaniae ciuitatum conuocato populo – ut scribit Valerius Maximus libro nono titulo De perfidia – nouem millia, in quibus flos iuentutis consistebat, partim trucidauit, partim uendidit».

Assim que os apanhou descuidados e sem armas, mandou-se cercar por soldados, e criminosamente liquidou-os. «Esta acção – diz Orósio¹⁴ –, motivada pela perfídia dos Romanos, foi posteriormente a razão da maior revolta de toda a Hispânia».

«Depois de ter convocado a população de três cidades lusitanas – como diz Valério Máximo no capítulo acerca *Da Perfidia* do livro nono¹⁵ –, de nove mil homens entre os quais se encontrava a flor da juventude, trucidou uns e vendeu os outros».¹⁶

Vamos, também, retomar este episódio, datado do ano 150 a. C., a partir da obra de Valério Máximo:

Ser. quoque Galba summae perfidiae: trium enim Lusitaniae ciuitatum conuocato populo tamquam de comodis eius acturus, septem milia, in quibus flos iuentutis consistebat, electa et armis exuta partim trucidauit, partim uendidit: quo facinore maximam cladem barbarorum magnitudine criminis antecessit.

Servio Galba fue también de una desmedida perfidia. Después de reunir a los habitantes de tres ciudades lusitanas, aparentando que iba a hablarles de sus intereses, escogió a ocho mil de ellos, los que se encontraban en la flor de su juventud, y luego de

¹³ FERNANDES e PINHO (2009: 134-137).

¹⁴ OROS. *Hist.* 4.20.23; 21.3 e 10.

¹⁵ VAL. MAX. 9.6.2.

¹⁶ FERNANDES e PINHO (2009: 137-139).

desarmarlos, mató a una parte de ellos, a la otra la vendió como esclavos. Con esta acción superó, por la magnitud de su crimen, a la inmensa matanza de extranjeros que llevó a cabo.¹⁷

Tamanha foi a enormidade deste crime que André de Resende não podia deixar de mencionar a sua justa condenação por personalidades da vida pública romana, contemporâneas deste acontecimento, de que resulta, em parte, uma conclusão favorável ao reconhecimento da nobreza de espírito que conduz a acção do velho inimigo:

Accusavit acriter M. Cato Sergium Galbam pro interfectis contra interpositam fidem Lusitanis, ut testatur in Bruto M. Tullius, et obter in Diuinatione, quod explicat latiuscule Asconius Paedianus, et Liuii epitome libro quadagesimo nono, et idem Valerius Maximus libro octauo, capite primo.

M. Catão acusou severamente Sérgio Galba quando falou em favor dos Lusitanos, massacrados apesar da palavra dada, tal como é testemunhado por M. Túlio no *Bruto*¹⁸ e, de passagem, no *Da Adivinhação*¹⁹, passo que Ascónio Pediano²⁰ desenvolve com certa extensão, por Lívio no livro quadragésimo nono do epitome²¹ e pelo mesmo Valério Máximo²², no capítulo primeiro do livro oitavo.²³

Este episódio de Sérvio Galba, pretor que foi na Hispânia, já tinha sido objecto de menção na *Oratio panegyrica ad inuictissimum Lusitaniae regem diuum Ioannem tertium*, do brigantino Inácio de Moraes que, a convite da Academia da Universidade de Coimbra, havia de proferir por ocasião da visita de D. João III a esta cidade, a 8 de Novembro de 1550. E sempre com a intenção de desvalorizar a vitória dos Romanos: *Nota est enim et Seruii Galbae perfidia qui praetor in Hispania pacis simulatione contra fidem interpositam magnam Lusitanorum manum per fraudem interemit*, isto é, “E na verdade é também conhecida a perfidia de Sérvio Galba que, pretor na Hispânia, simulando a paz, matou à traição, contra a palavra dada, um grande número de tropas lusitanas.”²⁴

No passo seguinte desta oração panegírica ao Rei D. João III, Inácio de Moraes dá-nos notícia do julgamento de Sérvio Galba, a partir da obra de Valério Máximo:²⁵

Galba uero cum se manifeste reum confiteretur, nec haberet quid pro se diceret, omissa causa, liberos suos paruulos in contionem productos lacrimans commendauit, quo facto ita omnium commiserationem concitauit, ut praeter opinionem absolutus fuerit.

¹⁷ Tradução de HARTO, LÓPEZ y VILLALBA (2003: II.150).

¹⁸ Cic. *Brut.* 22.89-90.

¹⁹ Cic. *Div.* 20.60.

²⁰ Ps. Asc. *Div. in Caec.*, p. 203, apud FERNANDES e PINHO (2009: 413).

²¹ Liv. *Perioch.* 49.

²² Val. Max. 8.1.2.

²³ FERNANDES e PINHO (2009: 137-139).

²⁴ COUTO (2004: 358-359).

²⁵ COUTO (2004: 358-359).

Como, na verdade, Galba se confessasse claramente réu e não tivesse o que alegar em seu favor, pondo de parte a questão, invocou, a chorar, os seus pequenos filhos trazidos para a assembleia, e com isso suscitou de tal modo a comisseração de todos que foi absolvido, contrariamente ao que era esperado.

Contrariamente a Inácio de Moraes, André de Resende não coloca, neste sítio, a notícia do julgamento, adiando para outro momento mais oportuno, como se irá ver mais abaixo. Talvez deste modo se explique que este último tenha acrescentado o parágrafo seguinte, que pode considerar-se premonitório: *Nonagesimum autem aetatis annum agebat Cato, quum Galbam accusauit, teste Liuiio, decadis quartae libro nono*, isto é, “Tinha Catão, no entanto, noventa anos de idade, quando acusou Galba, conforme o testemunho de Lívio²⁶ no livro nono da quarta Década.”²⁷

A valentia dos Lusitanos é reforçada ainda com uma breve alusão ao célebre episódio da história Grega Antiga que enaltece a bravura e a coragem de um grupo de trezentos Espartanos, comandados por Leónidas que, nas Termópilas,²⁸ se opuseram ao avanço do exército Persa, sob as ordens de Xerxes, no contexto das Guerras Medo-Persas:

Ab Orosio non discedamus. Is ex Claudio narrat trecentos Lusitanos cum mille Romanis pugnam comisisse, in qua septuaginta Lusitani, Romani autem trecentum viginti ceciderint.

Mas não nos afastemos de Orósio. Este, fundamentando-se em Cláudio, conta que trezentos Lusitanos travaram um combate contra mil Romanos, no qual morreram setenta Lusitanos e trezentos e vinte Romanos.²⁹

R. M. Rosado Fernandes, ao tratar deste *topos* heróico num trabalho publicado na revista *Ocidente*, em 1967, vai situá-lo nas narrativas dos primeiros analistas de Roma, que celebram os feitos levados a cabo pelos trezentos e seis Fábios, que defendiam a fronteira romana junto a Veios, dando origem, deste modo, a uma espécie de Termópilas romanas.³⁰

Mais abaixo, André de Resende queixa-se de que mais exemplos de valentia dos Lusitanos haveria se outros historiadores dos nossos feitos houvesse que não os Romanos, de quem “somos obrigados a aceitar tudo o que lhes agrada dizer a nosso respeito, quer tenham sido imparciais quer parciais” (*ex iis siue aequis siue iniquis cogimur accipere quantum illis prodere de nobis fuit libitum*).³¹

Neste primeiro livro, no capítulo dedicado ao povo Lusitano, introduz, logo a seguir, a questão dos seus ‘chefes’, para falar de Viriato e de Sertório. Com efeito, muitos foram os povos que os Romanos enfrentaram, mas a maior parte das batalhas deu-se contra os Lusitanos e Numantinos, pois de todos eles, estes fo-

²⁶ Liv. 39.40.12.

²⁷ FERNANDES e PINHO (2009: 138-139).

²⁸ HDT. 7.208-209.

²⁹ FERNANDES e PINHO (2009: 138-139).

³⁰ FERNANDES (2006: 389-396).

³¹ FERNANDES e PINHO (2009: 138-139).

ram os únicos que tiveram chefes, segundo nos narra o historiador romano Floro (séc. I – séc. II d. C.), no *Epitoma de Tito Livio* ou *Bellorum omnium annorum septingentorum libri duo*,³² citado por Resende. O humanista eborense aproveita a oportunidade para enfatizar a importância dos chefes para a vitória, que os Romanos desde sempre tiveram e que, por isso mesmo, venceram com naturalidade turbas de homens sem comando:

At quoties duces contingebant militaris rei non ignari, non tantum se iactabant Romani. Esto indicium uel Lusitanus Viriatus, si fortuna cessisset, Hispaniae Romulus, ut idem scribit Florus, uel Sertorius.

No entanto, todas as vezes que, da parte contrária, havia chefes que não ignoravam a ciência militar, já os Romanos não se gabavam tanto. Que sirvam de exemplo, no tocante a Lusitanos, quer Viriato, o Rómulo da Hispânia, no dizer do mesmo Floro,³³ caso a fortuna o tivesse permitido, quer Sertório.³⁴

Aqui, a aproximação de Viriato à figura do fundador de Roma, Rómulo. E não falta mesmo a aproximação dos Lusitanos aos Lacedemónios, com a finalidade de mostrar a sua origem grega, tomando por fonte o historiador grego Estrabão, dando corpo às origens augustas deste povo:³⁵

Ceterum «Spartano ritu degere Lusitanos, et Graeco more hecatombas facere, gymnica certamina exercere», quaeque sequuntur, omnia eo pertinent, ut Graecam Lusitanorum originem ostendant.

Quanto ao resto, «que os Lusitanos se entretinham, à maneira espartana, que, segundo o costume grego, realizavam hecatombes e competiam em lutas gímnicas», visa como finalidade mostrar a origem grega dos Lusitanos.³⁶

Depois da referência aos Brácaros, “evidentemente por causa da capital desse povo” da Galécia (*uidelicet Bracaros ab urbe gentis capite nominatos*),³⁷ há-de acrescentar, num claro reforço da tese da origem grega dos Lusitanos: ... *ludos armis, equis, cestibus et cursu solitos celebrare, itemque coniugia Graecanico ritu, ut absque dubio Graecam hi populi prae se ferant originem*, isto é, “... jogos com armas e cavalos, pugilato, corridas pedestres e, além disso, casando segundo um ritual à maneira grega.”³⁸

Avança, depois, para a descrição dos montes da Lusitânia, terminando com uma referência às serras do Marão, Montemuro, mas sobretudo, dizemos nós, à serra do Soajo e do Gerês, situadas na região do Minho, conhecida pelas suas qualidades, a sua fertilidade, amenidade e salubridade (*de quuius regionis laudibus, fertilitate, amoenitate ac salubritate*).

³² FLOR. *Epit* 1.33.13.

³³ FLOR. *Epit* 1.33.15.

³⁴ FERNANDES e PINHO (2009: 138-139).

³⁵ STR. 3.3.7.

³⁶ FERNANDES e PINHO (2009: 140-141).

³⁷ FERNANDES e PINHO (2009: 142-143).

³⁸ FERNANDES e PINHO (2009: 142-145).

No segundo livro, inicia a caracterização da Lusitânia pela menção dos rios, grandes e pequenos, fixando a sua atenção no Guadiana que alimenta o pasto de corpulentas manadas e exhibe uma grande variedade de peixes. Sobre um deles, o asturjão, seguir-se-á um discurso bastante minucioso.

Subindo o território para norte, na direcção da Galécia, vai enumerando sucessivamente o Calípode, o Tejo, o Mondego, o Vouga e o Douro... que alguém, «creio que por ignorância das coisas hispánicas» (*credo ob Hispanicarum rerum ignorationem*), confundiu com o Túria, um rio de importância menor, que se espraia no mediterrâneo, sob o olhar de Valência. É este o pretexto para retomar a figura de um Sertório corajoso que, proscrito por Sila, não hesitou em terçar armas com os generais romanos:

Turiam enim uocari id flumen, de quo Pompeius loquitur, ostendit Plutarchus in Sertorio. «Remedia (inquit) in rebus aduersis, magis claram eius uirtutem faciebant, uelut in ea pugna quae apud Sucronem contra Pompeium comissa est, et rursus in ea, quae apud Turiam aduersus Metellum simul et Pompeium».

Plutarco no *Sertório* mostra que o rio de que fala Pompeio se chama em boa verdade Túria ao dizer: «Os expedientes nas derrotas tornavam mais notável a sua coragem, como naquela batalha que se travou junto ao Júcar contra Pompeio e de novo naquela que se deu perto do Túria, simultaneamente contra Metelo e Pompeio».³⁹

Termina este livro segundo com uma nota breve a sublinhar a proverbial fertilidade da Lusitânia, reiterada pelos escritores desde a Antiguidade.

O livro seguinte abre com a notícia dos povos que submeteram a Lusitânia antes dos Cartagineses e dos Romanos (*subdita fuerit Lusitania ante Carthaginenses atque Romanos*).⁴⁰ O historiador grego Plutarco por duas vezes é invocado em vão, como já havia sido assinalado por R. M. Rosado Fernandes,⁴¹ quando Resende fala numa *Vida* com o título de *Aníbal* e de *Cipião*, embora, numa passagem mais à frente, venha a ser citada a biografia de *Aemilius Paulus*. Com efeito, André de Resende procura justificar, deste modo, a razão pela qual Paulo Orósio⁴² chama procônsul a Paulo Emílio:

Nam quod Orosius illum proconsulem uocat, id forte est quoniam in Hispaniam sibi decretum prouinciam, non cum sex tantum securibus, aliorum praetorum more, sed cum duodecim honoris causa missus est, ita ut dignitas consularis in império eius inesset ut in ipsius uita narrat Plutarchus.

Quanto ao facto de Orósio lhe chamar procônsul, a razão é talvez a seguinte: foi enviado para a Hispânia, província que lhe coube por decreto, não apenas com os seis lictores à maneira dos outros pretores, mas com doze, em sinal de consideração, para

³⁹ FERNANDES e PINHO (2009: 194-195). Em nota, R. M. Rosado Fernandes sublinha o pormenor de uma pequena diferença entre a tradução latina de Resende e o texto actual de Plutarco: “Devido ao facto de saber tirar partido das derrotas, era mais admirado do que os generais vitoriosos seus opositores, como foi o caso na batalha de Suco contra Pompeio, ou na de Turia, contra aquele e também Metelo.”

⁴⁰ FERNANDES e PINHO (2009: 206-207).

⁴¹ FERNANDES e PINHO (2009: 430).

⁴² OROS. *Hist.* 4.20.23.

que assim o seu comando tivesse a dignidade consular, segundo conta Plutarco na biografia que sobre ele escreveu.⁴³

Esta passagem é precedida de uma notícia deste general romano que viu o seu exército esmagado pelos Lusitanos. Mas também não é menos verdade que ele mesmo, mais tarde, infligiu enormes perdas aos Lusitanos e saiu vitorioso na guerra da Macedónia, como narra o humanista eborense. Um pouco antes, há uma referência a Marco Pórcio Catão, o Censor, através de Plutarco:⁴⁴

Quod ad Lusitanos attinet, M. Porcius Cato, is qui Censorinus cognominatus est, ex Hispania Citeriore, quam fuerat sortitus, ad Ulteriorem descendisse uidetur, si Polybio apud Plutarchum assentiamur.

No que diz respeito aos Lusitanos, a acreditarmos em Políbio citado por Plutarco, parece que Marco Pórcio Catão, o que foi denominado Censor, se transferiu da Hispânia Citerior para a Ulterior.⁴⁵

Embora censurada por Resende, esta passagem, em Plutarco, remete-nos para o carácter pouco abonatório dos feitos militares deste comandante militar, dado que comprou a lealdade dos Celtiberos, quando se viu em dificuldades com os povos indígenas.

Por numerosas vezes as armas dos Lusitanos obrigaram os Romanos a saborear o gosto amargo da derrota. E as dúvidas sobre a capacidade militar do exército romano começaram a inquietar o espírito dos cidadãos romanos, de tal forma que em Roma já não se encontrava quem se dispusesse a partir para a Hispânia. Entretanto, como narra Políbio,⁴⁶ que inspirou o texto de Resende, Públio Cornélio Cipião Emiliano oferece-se para esta campanha. E foi assim que ressurgiu o desejo de combater.

O insucesso das campanhas militares contra os Lusitanos também já o havia experimentado o pretor Sérvio Sulpício Galba. E André de Resende retoma, conscientemente, o assunto que já tratou no primeiro livro, conforme acima já foi visto:

Quam rem superiori uolumine a nobis tactam hic suo loco latius repetere est uisum, ex quarto Orosii libro, capite XXXI. «Sergius autem Galba praetor a Lusitanis magno proelio uictus est, uniuersoque exercitu amisso, ipse cum paucis uix elapsus euasit.» Ex qua ignominia, quum ulcisci se postea Galba statuisset, immane ac plusquam barbarum facinus perpetravit...

Parece ser aqui o sítio indicado para repetir com pormenor e com base no capítulo trigésimo primeiro do livro quarto de Orósio este assunto que já aflorámos num livro anterior. «O pretor Sérgio Galba, porém, foi vencido pelos Lusitanos numa grande batalha, em que perdeu todo o exército e da qual ele próprio fugiu, escapando-se a

⁴³ FERNANDES e PINHO (2009: 220-221); OROS. *Hist.* 4.20.23

⁴⁴ PLU. *Cat. Ma.* 10.1.

⁴⁵ FERNANDES e PINHO (2009: 218-219).

⁴⁶ PLB. 35.4; LIV. *Perioch.* 48.

custo com alguns companheiros». Como Galba estivesse resolvido a vingar-se mais tarde desta afronta, cometeu o crime desumano e mais do que bárbaro...⁴⁷

E continua André de Resende, depois de transcrever as palavras de Orósio:

Valerius Max, libro nono, cap. De perfidia, sic ait: «Seruius quoque Galba summae perfidiae. Trium enim Lusitaniae ciuitatum conuocato populo, tanquam de commodis eius acturus, nouem millia, in quibus flos iuentutis consistebat, electa, et armis exuta, partim trucidauit, partim uendidit. Quo facinore maximam cladem (codex manu scriptus habet 'partem') barbarorum, magnitudine, criminis antecessit».

Valério Máximo, no capítulo *Sobre a Perfidia* do livro nono,⁴⁸ diz o seguinte: «Sérvio Galba também foi da maior perfidia. Com efeito, tendo convocado o povo de três cidades lusitanas, como se fosse agir no interesse delas, de nove mil homens escolhidos, despojados das armas e que constituíam a flor da juventude, trucidou parte e vendeu outra parte. Com este feito, ultrapassou na dimensão do crime a maior destruição (o códice manuscrito tem 'parte') dos bárbaros».⁴⁹

André de Resende retoma, logo a seguir, a repetição de um texto anterior, com ligeiras alterações na ordem de exposição:

Accusauit acriter M. Cato Galbam pro interfectis contra interpositam fidem Lusitanis, ut testatur in Bruto M. Tullius, et obter in *Diuinatione*, quod explicat apertius Asconius Paedianus, et Liuii epitome libro quadragesimo nono.

Aetatis autem nonagesimum annum agebat Cato, teste Liuiio, decadis quartae libro nono, quum Galbam accusauit ardentissima oratione, quam in *Origines* suas retulit.

M. Catão acusou severamente Galba quando falou em favor dos Lusitanos, massacrados apesar da palavra dada, tal como é testemunhado por M. Túlio no *Bruto*⁵⁰ e, de passagem, no *Da Adivinhação*,⁵¹ o que Ascónio Pediano⁵² desenvolve um pouco mais claramente, e, assim também, o *Epítome* de Lívio,⁵³ no livro quadragésimo nono.

E, no entanto, Catão⁵⁴ tinha noventa anos de idade, segundo o testemunho de Lívio no livro nono da quarta década,⁵⁵ quando acusou Galba, num discurso inflamadíssimo, que depois reproduziu nas suas *Origens*.⁵⁶

Segue-se um parágrafo que nos aponta para uma passagem de Quintiliano,⁵⁷ onde se atribui o perdão à forma patética como se apresentou em tribunal, rodeado dos seus filhos menores e do sobrinho, mas também à sua capacidade discursiva (*ita miserabiliter pro se loquutus est, ut rogatio antiquaretur*).⁵⁸

⁴⁷ FERNANDES e PINHO (2009: 230-231).

⁴⁸ VAL. MAX. 9.6.2.

⁴⁹ FERNANDES e PINHO (2009: 230-231).

⁵⁰ CIC. *Brut.* 22.89-90.

⁵¹ CIC. *Div.* 20.60.

⁵² PS. ASC. *Div. in Caec.*, p. 203, apud FERNANDES e PINHO (2009: 413).

⁵³ LIV. *Perioch.* 49.

⁵⁴ CATO *frgs.* 106-110 do livro VII das *Origines* em PETER (1914: I. 89 ss.); MALCOVATI (1967: I.79), apud FERNANDES e PINHO (2009: 435).

⁵⁵ LIV. 39.40.12.

⁵⁶ FERNANDES e PINHO (2009: 230-231).

⁵⁷ QUINT. *Inst.* 2.15.8.

⁵⁸ FERNANDES e PINHO (2009: 230-231).

Valério Máximo, contudo, vai atribuir a causa da absolvição exclusivamente à compaixão que aquele despertou junto da assistência e dos juízes do tribunal. Não será, contudo, despidendo o comentário de que para este desenlace muito terá contribuído o facto de pertencer à classe senatorial. Diz o texto de Resende: *Misericordia ergo – inquit libro 8, cap. I, Valerius Maximus – illam quaestionem non aequitas textit*, isto é, “foi a misericórdia”, diz Valério Máximo⁵⁹ no capítulo primeiro do livro oitavo, e não a equidade que protegeu a questão.⁶⁰

Resende envereda, de seguida, pela discussão do prenome de Galba, umas vezes Sérvio e outras Sérgio (*alias Seruius, alias autem Sergius*), adiantando, desde logo, que não sabe se vai dar uma resposta definitiva (*nescio an facere satis omnino possim*).⁶¹ Uma página à frente fala no motivo que incitou à maior sublevação de povos de toda a Hispânia, recordando, de novo, a perfídia e a crueldade de Sérvio Galba, chamando à colação diversos testemunhos, nomeadamente o de Valério:

Tam ex Suetonio, quam ex Orosio, Seruii Galbae perfidiam ac crudelitatem maximi tumultus uniuersae Hispaniae, ac demum Viriati belli causam fuisse didicimus, ut dederit Roma poenas impuniti Galbae, qui contra ius, etiam inter extremae barbariae hosteis, sanctum et inuiolabile, uel nouem millium, ut Valerio placuit, uel millium triginta, ut Tranquillo, nefaria se caede polluerit, et quem contra summi uiri Catonis iustam acrimoniam, trium puerorum misericordia noxae capitali exemerat.

Soubemos tanto por Suetónio como por Orósio⁶² que a perfídia e crueldade de Sérvio Galba foi a causa da maior sublevação de toda a Hispânia e, em suma, da guerra de Viriato, e de tal modo que Roma quis dar castigo ao impune Galba que, contra o direito sagrado e inviolável, mesmo entre inimigos da maior barbárie, se manchou com o abominável assassinio de nove mil homens, como pretende Valério, ou trinta mil, segundo Suetónio Tranquilo,⁶³ e que, graças à piedade provocada pelas três crianças, foi poupada à pena capital, apesar da justa acrimónia do grande homem que foi Catão.⁶⁴

Segue-se uma enumeração exaustiva de historiadores, como Floro, Justino, Veleio Patérculo, Eutrópio, Plínio-o-Moço, que apresentam Viriato como o grande chefe dos Lusitanos, vencido, também ele, graças à perfídia de Quinto Cepião, que comprou dois companheiros que lhe haviam de dar a morte no momento em que ele se encontrava deitado no chão. Uma vitória que não havia de merecer a aprovação do Senado romano, porque tinha sido comprada, segundo palavras de Plínio-o-Moço, citadas a partir do opúsculo *Sobre os Homens Ilustres*, erradamente atribuído por André de Resende a Plínio-o-Moço. E cita, novamente, o episódio dos trezentos espartanos, já atrás referido e vai insistindo no assassinio de Viriato para, em jeito de conclusão, trazer à colação as palavras de Valério Máximo:

⁵⁹ VAL. MAX. 8.1.2.

⁶⁰ FERNANDES e PINHO (2009: 230-231).

⁶¹ FERNANDES e PINHO (2009: 230-231).

⁶² OROS. *Hist.* 4.21.3.

⁶³ SUET. *Galba* 3.

⁶⁴ FERNANDES e PINHO (2009: 232-233).

Duplicem in eius caede perfidiam accusat Valerius Maximus libro nono, capite sexto. Alteram amicorum eius, quod eorum manibus interemptus est. Alteram Quinti Seruili Caepionis, quod is sceleris huius auctor, promissa impunitate, fuerit, uictoriamque non meruerit, sed emerit.

Valério Máximo, no capítulo sexto do livro nono,⁶⁵ censura a respeito do assassinio de Viriato uma dupla traição: em primeiro lugar, a dos amigos, porque foi morto às mãos destes; em segundo, a de Quinto Servílio Cepião, porque foi ele o autor deste crime ao prometer-lhes impunidade. Não ganhou uma vitória, comprou-a.⁶⁶

No parágrafo seguinte, Resende enumera os chefes romanos que foram vendidos por Viriato. Após a morte deste, em 139 a. C., os Lusitanos haviam de chamar Sertório, proscrito por Sila, pois cometera a imprudência de se ter inscrito no partido de Mário. André de Resende, depois de referir diversos autores que se ocupam da vida deste chefe de grande experiência militar – Plutarco, Apiano, Lúcio Floro, Paulo Orósio, Plínio-o-Moço, Valério Máximo,⁶⁷ Frontino, Obsequente e outros – vai apresentar um resumo baseado em Plutarco, Apiano e Orósio (*Summatim ex Plutarcho, Appiano atque Orosio dicam*).⁶⁸

Em Plutarco, diz o humanista eborense, regista-se o amor com que Sertório acompanhou a pátria donde estava banido, como também se verá a justiça do ódio votado a Perpena e àqueles que com ele tramaram a morte do grande general dos Lusitanos. E conclui: *Quorum tamen omnium exitus, ut proditorum esse, conueniebat, miser atque infelix non multo post omnino fuit*, isto é, “no entanto, o fim deles não tardou, fim como deve ser o dos traidores, totalmente miserável e infeliz.”⁶⁹

Com efeito, ele foi executado a mando de Pompeio, como se pode apurar dos relatos de Veleio Patérculo⁷⁰ e de Marcelino,⁷¹ citados logo de seguida. E remata com este pensamento quase lapidar:

Sic decimo inchoati belli anno suorum dolis interfectus Sertorius uictoriam quidem Romanis dedit, uerum sine ulla gloria, quod non uirtute sed fraude obuénisset.

Assim Sertório, morto por traição dos seus companheiros, depois de ter começado a guerra, deu na verdade a vitória aos Romanos, mas sem qualquer glória, porque ela proveio não do mérito mas da fraude.⁷²

Ainda um último episódio, sumamente cruel, de violência extrema, em resultado de represália exercida por Munácio Flaco, apoiante de Pompeio, sobre aqueles Lusitanos da sua guarda que mostraram simpatia por César:

⁶⁵ VAL. MAX. 9.6.4.

⁶⁶ FERNANDES e PINHO (2009: 240-241).

⁶⁷ VAL. MAX. 1.2.4; 7.3.6 *passim*.

⁶⁸ FERNANDES e PINHO (2009: 252-253).

⁶⁹ FERNANDES e PINHO (2009: 256-257).

⁷⁰ VELL. 2.30.1.

⁷¹ AMM. 26.9.9.

⁷² FERNANDES e PINHO (2009: 256-257).

sed id credimus Valerio Maximo libro nono, capite *De crudelitate*. Lusitanorum enim praesidio uallatus Caesari cum resisteret pertinaciter ad Attegam, barbarum in modum saeuit in eos quos Caesaris studiosos esse comperit, et in eorum uxores et liberos.

Mas devemos esta informação a Valério Máximo, no capítulo *Sobre a Crueldade* do livro nono.⁷³ Efectivamente, quando, com uma escolta de Lusitanos, entrincheirados numa paliçada resistia obstinadamente a César, perto de Átega, exerceu bárbara vingança naqueles que soube serem simpatizantes de César e assim também nas suas mulheres e filhos.⁷⁴

Em Valério Máximo pode ler-se:

Munatius etiam Flaccus, Pompeiani nominis acrior quam probabilior defensor, cum ab imperatore Caesare in Hispania inclusus moenibus Ateguensium obsideretur, efferatam crudelitatem suam truculentissimo genere uaesaniae exercuit: omnes enim eius oppidi ciues, quos studiosiores Caesaris senserat, iugulatos castris erant, ut caedes coniugum suarum cernerent, maternisque gremiis superpositos liberos trucidauit. Infantes alios in conspectu parentum humo infligi, alios superiactatos pilis excipi iussit. Quae auditu etiam intolerabilia Romano iussu Lusitanis manibus administrata sunt, cuius gentis praesidio Flaccus uallatus diuinis opibus uacordí pertinacia resistebat.

Munacio Flaco, defensor más violento que razonable de la causa pompeyana, hallándose acorralado por César en Hispania, dentro de las murallas de Ategua, sacó a relucir su implacable crueldad con una feroz muestra de locura: después de degollar a todos los habitantes de aquella ciudad, de quienes él había advertido sus simpatías hacia César, los arrojó por el muro. A continuación llamó por sus nombres a los maridos que había en el campamento contrario, para que pudiesen contemplar el exterminio de sus mujeres, y mató también a sus hijos, puestos en el regazo de sus madres. Ordenó también que, de los niños pequeños, algunos fueran estrellados contra el suelo en presencia de sus padres, y otros fueran arrojados al aire y ensartados por las lanzas de los soldados. Esta fechoría, intolerable incluso para los oídos, fue ordenada por los romanos y perpetrada por lusitanos, con cuya ayuda Flaco se hallaba pertrechado y resistía, con insensata contumacia, a la pujanza de un ser divino.⁷⁵

Como sabemos, André de Resende representa o período áureo do Humanismo Português. A sua formação humanística terá começado ainda em Évora, com Estêvão Cavaleiro. Como já se tinha tornado então habitual, cedo iniciou o aprofundamento dos seus estudos humanísticos e teológicos no estrangeiro, de tal modo que aos 13 anos já se encontrava matriculado na universidade de Alcalá de Henares, onde foi aluno de António de Nebrija. Entretanto, regressa a Portugal (1514-1520) e só em 1521 se matricula na universidade de Salamanca, onde priva com o mestre português Aires Barbosa. Mais tarde, em 1526, dirige-se à

⁷³ VAL. MAX. 9.2.4.

⁷⁴ FERNANDES e PINHO (2009: 260-261).

⁷⁵ Tradução de HARTO, LÓPEZ y VILLALBA (2003: II.138-139).

cidade francesa de Aix-en-Provence, tendo possivelmente colocado o pé em Lião, a vizinha capital da arte tipográfica no sul deste país. Paris e Lovaina, onde frequenta o colégio Trilingue e obtém a graduação em Artes e Teologia, são as próximas etapas. Ao serviço de D. Pedro de Mascarenhas, embaixador de Portugal junto na Corte de Carlos V, como mestre de Latim, percorreu o humanista eborense várias terras do domínio deste imperador, Alemanha, Itália e Castela.

Do seu regresso a Portugal há notícias que nos dão conta de que tal terá sucedido em 1533, e troca o Convento de S. Domingos, em Évora, pela corte de D. João III. É o entusiasmo deste humanista que muito há-de contribuir para o fervor reformista que anima o rei: a Universidade é transferida para Coimbra, em 1537; nesta cidade, em 1548, veio ainda a fundar o Real Colégio das Artes, destinado à preparação dos alunos que ingressavam na Universidade. Uma acção desenvolvida que se compreende à luz das preocupações pedagógicas de André de Resende e que se sentem na oração intitulada *Oratio pro Rostris*, proferida por ocasião da abertura solene das aulas na Universidade de Lisboa, em 1534.⁷⁶ Ali se elogia a antiguidade nobre que caracteriza as origens de Lisboa, a par das *litterae humaniores*.

André de Resende é o arauto de uma nova *forma mentis*, num momento de ruptura que aponta para a formação de um novo Homem, com novas competências, em que a política se transforma na intervenção cívica por excelência, como é apontado pelo humanismo italiano na esteira dos clássicos. Por isso, é fundamental o domínio da arte da palavra, para dotar o *homo urbanus* da indispensável capacidade oratória, homem esse que se vai distinguir pela *nobilitas morum*, pela cultura e pela elegância, como é preceituado por Pontano no *De sermone* e Baltasar Castiglione, em *Il cortegiano*.

Mais do que a novidade temática, o estilo é que vai ser novo: no Renascimento, não há lugar para as deduções abstractas, a argumentação vai apoiar-se em exemplos da história, “que é testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado”,⁷⁷ como se pode ler no *Do Orador* (2.9.36) de Cícero, emprestando assim autoridade ao pensamento exposto.

E se a literatura gnómica, da sentença breve e concisa, ‘expressão anónima da sabedoria com aplicação universal’, e que compreende também o provérbio e o aforismo, de grande fortuna entre os autores clássicos, colheu grande favor entre os humanistas, não é menos verdade afirmar-se que o *exemplum* não é tido em consideração e desempenho inferior, dado o seu valor persuasivo. Séneca, o estóico de estilo sentencioso, numa das suas cartas a Lucílio, afirmava isto a propósito da sua necessidade intrínseca de partilha do conhecimento:

Mittam itaque ipsos tibi libros, et ne multum operae impendas dum passim profutura sectaris, imponam notas, ut ad ipsa protinus quae probo et miror accedas. Plus tamen tibi et uiua uox et conuictus quam oratio proderit; in rem praesentem uenias oportet,

⁷⁶ Cf. MENESES (1956) e DOMINGUES (1982).

⁷⁷ PEREIRA (2000: 28).

primum quia homines amplius oculis quam auribus credunt, deinde quia longum iter est per praecepta, breue et efficax per exempla.

Vou, pois, enviar-te os livros que utilizei, e para não perderes tempo à procura dos passos mais úteis, eu assinalá-los-ei, de modo que encontres de imediato aqueles que me merecem aprovação e respeito. Uma conversa de viva voz ser-te-á, contudo, mais útil do que um discurso escrito. Deves vir mesmo ver como as coisas se passam, primeiro porque geralmente se dá mais crédito aos olhos do que aos ouvidos, segundo, porque a via através dos conselhos é longa, através do exemplo é curta e eficaz.⁷⁸

Esta educação pelo paradigma privilegiava a *auctoritas* de Plutarco, Valério Máximo ou Aulo Gélío, entre outros, como principais fontes transmissoras dos *exempla* clássicos reutilizados pelos humanistas. Uma estratégia de vigor quase insuperável gravada em forma lapidar no pensamento de Cícero (*O Orador* 34.120): *exempla fidem faciunt*, isto é, os exemplos fazem-nos acreditar.

Dado que se vive numa época em que a eloquência e a retórica ocupam espaço de relevo na educação, constituindo-se como a base da arte de bem falar, *ars bene dicendi* – a aquisição da *latinitas* muito beneficiou com o gosto da recolha de *sententiae*, uma prática muito acarinhada na época⁷⁹ – vamos, agora, identificar as marcas discursivas que situam a produção deste texto segundo esta preocupação, isto é, ver até que ponto é que André de Resende valorizou a Retórica que aprendera na sua juventude, em contacto com os grandes mestres humanistas, na grande cena das Letras Europeias, para usar uma expressão do saudoso mestre da Lusa Atenas, Aníbal Pinto de Castro, num ensaio intitulado “Mestre André de Resende, um *Orator* de proveito e exemplo”, texto proferido no âmbito do Congresso Internacional do Humanismo Português dedicado a Cataldo e a André de Resende, em Outubro de 2000.⁸⁰

Uma das marcas distintivas de André de Resende enquanto humanista é a expressão acrisolada do seu amor à pátria que o leva a divulgar a gesta lusa por terras do Oriente e a criar a palavra *Lusiadae*,⁸¹ *Lusiadas*, para designar os portugueses: “afirma-se ao longo das suas obras – escreve Nair de Castro Soares – um convicto defensor de Portugal, na sua identidade, na grandeza épica dos seus heróis e mártires, na nobreza e ancestralidade do seu património cultural de ascendência romana.”⁸² Este espírito épico e orgulho pátrio sente-se em obras suas como *Epitome rerum gestarum in India a Lusitanis, anno MDXXX* (Lovaina, 1531), *Vicentius leuita et martyr*,⁸³ na *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, no *Breviarium Eborense*, na correspondência trocada com Bartolomeu de Quevedo⁸⁴ e *De Antiquitatibus Lusitaniae*.

⁷⁸ SÉN. *Epist.* 1.6.4. Tradução de SEGURADO E CAMPOS (2004: 13).

⁷⁹ Para mais pormenores, cf. SOARES (1993: 377-410).

⁸⁰ CASTRO (2002: 45-53).

⁸¹ MEDEIROS E COSTA (2002: 44).

⁸² SOARES (2002: 315).

⁸³ MARTINS (1981).

⁸⁴ PEREIRA (1988); PEREIRA (2009: 257-274).

Sendo um texto que, na temática, como vemos, se enquadra no ideário do humanismo português,⁸⁵ vamos agora situar a nossa análise ao nível das passagens acima transcritas, alargando-a às marcas discursivas.

Depois de, mergulhado no mundo do fabuloso e da mitologia, ter atribuído a Ulisses a fundação de Lisboa, um rio que aos outros sobreleva por causa das suas areias auríferas,⁸⁶ André de Resende situa a questão fundamental da Lusitânia num patamar suficientemente vasto, universal, de forma a captar mais facilmente a atenção do leitor para o assunto (*captatio benevolentiae*), numa espécie de *exordium*, podemos afirmá-lo, claramente apelativo no contexto de uma época em que se sentia a necessidade de se afirmar uma diferenciação positiva de Portugal em relação à posição hegemónica de Espanha. Estamos a falar de Liberdade, um tema caro aos Gregos e Romanos. Dois grandes acontecimentos marcaram, entre estes povos, a conquista da Liberdade, que ainda hoje continua a modelar o pensamento Ocidental: as Guerras Medo-Persas, no primeiro quartel do século V a. C., e as Guerras Púnicas, que se prolongaram por um século, desde a primeira metade do século III a. C. até meados do século seguinte, um assunto que nos é caro e desenvolvemos em artigo publicado, em 2009, na revista *Ágora – Estudos Clássicos em Debate*, editada pelo Departamento de Línguas e Culturas, da Universidade de Aveiro. O capítulo específico sobre a índole dos Lusitanos, pode dizer-se, abre com a palavra ‘coragem’, logo justificada com a citação de uma passagem de Estrabão:⁸⁷ “a Lusitânia... que durante anos foi combatida pelos Romanos” (*Lusitaniam annis plurimis Romanorum armis oppugnatam*).⁸⁸ Sente-se a carga emocional, persuasiva, do uso da palavra «coragem» (*fortitudo*), marca distintiva do carácter (ἦθος) de um povo que resiste tenazmente ao jugo de Roma. Dada a sua brevidade e uma vez que já se ganhou o favor do leitor, poderá dizer-se que se trata de uma realização muito próxima de um *exordium* especial ou *insinuatio*.

Segue-se propriamente aquilo que poderíamos designar por *narratio brevis*, a que Aristóteles⁸⁹ chamou πρόθεσις (*propositio* em Quintiliano),⁹⁰ ou seja, a enunciação da causa a defender: Liberdade para a Lusitânia. Ilustrada por um episódio insofismável, que tem o fim específico de *docere*: os habitantes do ópido de Cingínia recusam o pagamento de um resgate, proposto pelo general romano Décimo Bruto, em troca da sua liberdade, facto que os encorajou ainda mais a resistir ao cerco militar. Trata-se de um *exemplum* transmitido pela pena de Valério Máximo: e se, como diz Resende, foi a verdade que impôs ao historiador romana a conclusão acima transcrita, para nós foi a índole (*natura*) que os havia de guindar a esta grandeza (*grauitas*). Esta exposição persuasiva assume-

⁸⁵ LAPA (1977).

⁸⁶ FERNANDES e PINHO (2009: 102-103).

⁸⁷ STR. 3.3.3.

⁸⁸ FERNANDES e PINHO (2009: 132-133).

⁸⁹ ARIST. *Rh.* 1414a 32-37.

⁹⁰ QUINT. *Inst.* 3.9.5; 4.27; 4.2.30.

se, desde já, como uma *probatio*, seguindo-se a confirmação complementar da *narratio*.⁹¹

Vai reforçar-se ainda mais a defesa desta tese com o recurso ao *exemplum*, o mesmo é dizer, à *auctoritas* da Antiguidade, num exercício que deriva de uma *renouatio letterarum* em curso, com o conseqüente abandono dos *auctores* medievais, da «barbárie medieval», na linha dos princípios configurados no *Elegantiarum linguae latinae libri sex*, de Lorenzo Valla, texto editado e traduzido por um eminente professor da Universidade de Extremadura, e nosso querido Amigo, Santiago López Moreda.⁹²

Na seqüência, aparece o episódio que narra a forma como Sertório persuadiu os Lusitanos da vantagem das suas táticas de guerra, tendo recorrido à imagem de dois cavalos cujas caudas deviam ser arrancadas, que nos aproxima dos *mirabilia*. É assim que a recriação de uma atmosfera épica é favorecida pelos actos heróicos de um cidadão romano que, embora proscrito, à sua destreza física, à sua virilidade, alia o dom da palavra persuasiva e nos faz aproximar a sua figura do mítico herói da *Odisseia*, o ‘astuto’ Ulisses. Com isto se procura ilustrar, insistentemente, a virtude da coragem (*fortitudo*) e a firmeza (*constans*) na resposta deste povo bárbaro, de índole indomável e cujos feitos guerreiros são minimizados pelos historiadores romanos, diz o humanista eborense.

Mais à frente, o *exemplum* da perfídia do pretor Sérvio Galba, que só assim logrou alcançar a vitória sobre três cidades dos Lusitanos, que contribui para o aumento da tensão dramática, desbaratando o crédito da palavra dada: a sede de vingança leva-o a um crime (usa-se o vocábulo *scelus*) inaudito, justamente condenado pelos seus concidadãos, nomeadamente por Catão, exemplo incontornável de homem íntegro na sociedade romana. A dimensão épica é aumentada com a referência ao episódio dos trezentos espartanos – o Lusitano que fica para trás é paradigma da coragem individual (é o último elemento da descrição) –, num efeito de amplificação retórica e partidária de um acontecimento histórico, denominado infinitização, como há muito assim o designou R.M. Rosado Fernandes, acima citado.⁹³

Numa *gradatio* que se vai tornando explícita, o humanista volta a repetir esta ideia: mais exemplos de coragem haveria se outros historiadores dos nossos feitos houvesse, que não apenas os romanos.

Aduz, entretanto, um facto novo: a importância dos chefes na condução das batalhas; é natural que os romanos, que sempre os tiveram, exibam um maior número de vitórias. E de novo a *auctoritas* da Antiguidade ao serviço da *nobilitas* Lusitana, com a comparação de Viriato a Rómulo ou, de novo, aproximando os Lusitanos da forma de viver dos Espartanos, exemplo de coragem, de valentia.

⁹¹ Cf. JÚNIOR (2004: 46).

⁹² Cf. LÓPEZ MOREDA (1999).

⁹³ FERNANDES (2006: 1.389); LAUSBERG (1972: 108-109). Relativamente a este episódio, cf. Luís de Camões, *Os Lusíadas* 8.35-36.

No livro segundo, dedicado aos rios, menção para Sertório, junto ao rio Túria, perto de Valência.

No terceiro livro: Paulo Emílio, grande vencedor da Macedónia, também havia de conhecer a derrota na Hispânia. E volta, de novo, ao pretor Sérvio Sulpício Galba. Com a dimensão do seu crime, comentou Valério Máximo, ultrapassou a maior destruição dos bárbaros. Volta Resende a citar Marco Pórcio Catão, o Censor, a que junta um pormenor: proferiu um discurso de acusação *inflamádissimo*. E nesta altura, é natural que se recorde a história de Régulo, no âmbito das Guerras Púnicas, mais concretamente na primeira delas: este cônsul, derrotado por Xantipo, vem a Roma, sob juramento, para negociar a sua troca pelos prisioneiros nobres cartagineses. Persuadiu o Senado do contrário, para regressar ao norte de África, ao encontro de uma morte certa.⁹⁴

Neste livro, assiste-se a um alargamento – *amplificatio* – que se materializa num pormenor novo relativamente à narrativa anterior: Galba foi perdoado, não pela retórica, como pode sugerir Quintiliano, mas porque se fez acompanhar dos seus filhos e do sobrinho, como aponta Valério Máximo: a retórica ao serviço do bem.

A sublevação da Hispânia justifica-se, deste modo, face à crueldade de Galba. Não obstante, Viriato, como Sertório, devem a sua morte à perfídia dos companheiros mais chegados, uma vitória comprada, uma vitória alcançada pela fraude.

Para além de uma atmosfera épica, estes heróis também em muito contribuem para um clima trágico, que se adensa à medida que o discurso avança e as sucessivas repetições intensificam a expressão de um sentimento de condenação dos vícios e de valorização da virtude: todos os exemplos são reais. Galba, impellido pelo *furor*, pelo excesso de animosidade, de θυμός, comete uma imprudência, incorreu na ἀμαρτία, ou na denominada «falta trágica», uma excessiva animosidade ambivalente, pois já teria conduzido, noutras ocasiões, o general a magníficos feitos louvados pelos Romanos. O nosso herói transgrediu o preceito clássico do μηδὲν ἄγαν e foi arrastado pela ὕβρις.

O *climax* atinge-se naquilo que poderíamos denominar *peroratio*, que cumpre a missão de *recapitulatio* e, simultaneamente, a de influenciar os afectos através de um *amplificatio*, valendo-se do *exemplum* de Munácio Flaco, de uma violência gratuita extrema.

Sabendo, embora, que fazem parte do imaginário do ocidente *as trinitas moedas de prata* com que Judas entregou Jesus Cristo aos sumos sacerdotes, em Jerusalém, escolhi as sábias palavras do grande Imperador da Macedónia, Alexandre Magno, citadas por Plutarco. Quando se preparava para atacar os Persas, comandados por Dario, o seu experiente general, Parménion, depois de observar, ao longe, a planície pejada de tochas bárbaras, insistiu para que o rei avançasse de surpresa, pela calada da noite, ao que este lhe retorquiu: “eu não roubo vitórias” (οὐ κλέπτω τὴν νίκην).⁹⁵

⁹⁴ Cic. *Off.* 3.26-27, 99-100; *Fin.* 2.20.65.

⁹⁵ PLU. *Alex.* 31.12, apud SERRA (2002: 97).